



Traumas Infantis e o Surgimento De Traços Psicopáticos: Uma Abordagem Teórica.

José Airton de Sousa Júnior¹, Bruna Rayara Vilhena Ferreira², Joice Oliveira Nunes³, Rosane Priscila Souza da Silva⁴, Deusilene dos Santos Souza⁵, Rita Moreira dos Reis⁶, Raysa Rios Rosa⁷, Theciane Alyne Brito de Almeida⁸, Kauane Vitória da Silva Viana⁹, Rebeca Isabele Soares de Abreu¹⁰, Vanessa Lima Costa de Araújo¹¹, Antonio Davi Cruz Santana¹², Sirlan da Cruz Rocha¹³, Cristiane Dias do Carmo¹⁴



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2026v12n1p764-791>

Artigo recebido em 8 de Abril e publicado em 22 de Junho de 2026

Revisão Bibliográfica

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar a relação entre traumas infantis e o surgimento de traços psicopáticos na vida adulta. A personalidade é compreendida como um sistema complexo

¹Mestre em Educação em Ciências e Matemática, Docente da Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: airtonjunior25@gmail.com

²Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: bruna.vilhena751@gmail.com

³Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: joice.psinunes@gmail.com

⁴Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: priscilla.ssmelo@gmail.com

⁵Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: deusilenessouza@hotmail.com

⁶Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: ritareisadm@gmail.com

⁷Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: raysarosa5@gmail.com

⁸Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: theciane.alyne@gmail.com

⁹Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: kauenevia@gmail.com

¹⁰Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: rebecasoares31587@gmail.com

¹¹Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: vanessaneuopp23@gmail.com

¹²Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: antoniodavi0894@gmail.com

¹³Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: sirlancruzz@gmail.com

¹⁴Discente em Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA) campus Marabá, Pará. e-mail: cristiane_docarmo@live.com



de funções psicológicas influenciado por fatores biológicos e ambientais. A psicopatia, inserida no Transtorno de Personalidade Antissocial, manifesta-se por baixa empatia, manipulação, impulsividade e desrespeito às normas sociais. O objetivo geral da pesquisa é analisar como experiências traumáticas precoces podem estar associadas ao desenvolvimento dessa estrutura psíquica. Metodologicamente, realizou-se uma revisão bibliográfica qualitativa e exploratória em bases como SciELO, LILACS e PubMed, selecionando 10 artigos publicados entre 2014 a 2024. A fundamentação teórica destaca que a infância é o período crítico para a constituição subjetiva, onde o cuidado parental provê a base para a regulação afetiva. Falhas graves no ambiente, como abusos físicos e negligência, interrompem a "continuidade do ser", gerando defesas radicais como a clivagem e a identificação com o agressor. Sob a ótica psicanalítica, o trauma ocorre quando o excesso de excitação externa ultrapassa a capacidade de simbolização do aparelho psíquico infantil. Os resultados indicam que, embora existam predisposições genéticas e neurobiológicas, o ambiente é determinante na ativação ou intensificação desses traços. Traumas originais e privações precoces fragilizam a capacidade de estabelecer vínculos saudáveis e o senso de culpa. Conclui-se que a psicopatia deve ser compreendida sob o modelo biopsicossocial, integrando aspectos subjetivos e sociais. A identificação precoce de sinais de sofrimento e intervenções que fortaleçam os vínculos primários são estratégias essenciais para mitigar o desenvolvimento de psicopatologias graves e promover uma formação de personalidade saudável.

Palavras-chave: Trauma infantil; Personalidade; Psicopatia; Desenvolvimento humano; Intervenção precoce.

Childhood Trauma And The Emergence Of Psychopathic Traits: A Theoretical Approach.

Abstract

This research aims to analyze the relationship between childhood trauma and the emergence of psychopathic traits in adulthood. Personality is understood as a complex system of psychological functions influenced by biological and environmental factors. Psychopathy, classified within Antisocial Personality Disorder, is characterized by low empathy, manipulation, impulsivity, and disregard for social norms. The general objective of the study is to examine how early traumatic experiences may be associated with the development of this psychic structure. Methodologically, a qualitative and exploratory literature review was conducted using databases such as SciELO, LILACS, and PubMed, selecting 10 articles published between 2014 to 2024. The theoretical framework emphasizes that childhood is a critical period for subjective constitution, in which parental care provides the foundation for affective regulation. Severe environmental failures, such as physical abuse and neglect, disrupt the "continuity of being," generating radical defenses such as splitting and identification with the aggressor. From a psychoanalytic perspective, trauma occurs when excessive external stimulation exceeds the symbolic capacity of the child's psychic apparatus. The results indicate that, although genetic and neurobiological predispositions exist, the environment plays a decisive role in triggering or intensifying these traits. Early trauma and deprivation weaken the capacity to establish healthy bonds and a sense of guilt. It



is concluded that psychopathy should be understood within a biopsychosocial model, integrating subjective and social aspects. Early identification of signs of distress and interventions that strengthen primary bonds are essential strategies to mitigate the development of severe psychopathologies and to promote healthy personality formation.

Keywords: Childhood trauma; Personality; Psychopathy; Human development; Early intervention

Instituição afiliada – UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA

Autor correspondente: José Airton de Sousa Júnior aiirtonjunior25@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A personalidade pode ser compreendida como padrões de comportamento, atitudes e emoções que são característicos de um indivíduo específico. Embora os traços ou características de personalidade variem de pessoa para pessoa, eles tendem a apresentar certa consistência em diferentes contextos e estabilidade ao longo do tempo (Nakano, 2014).

Segundo DSM-V (2013) *apud* Silvano e Martins (2023), destacam que a psicopatia está inserida dentro do transtorno de personalidade antissocial, com características comportamentais desviantes, assim como aspectos afetivos e relacionais, que se manifesta através de características como falta de empatia, manipulação e comportamento impulsivo, está relacionada a elementos genéticos, mas também ao contexto em que a criança se desenvolve.

Nesse sentido, a tipologia da psicopatia proposta por Hervey Cleckley caracteriza-se, entre outros aspectos, pela capacidade do psicopata de causar uma impressão inicial positiva, muitas vezes marcada por charme superficial, aparente inteligência e modos socialmente aceitáveis. Contudo, à medida que situações cotidianas revelam sua verdadeira conduta, evidencia-se uma notável ausência de senso de responsabilidade, especialmente no que diz respeito ao cumprimento de compromissos assumidos (Rosário; Neto, 2014).

O diagnóstico desse transtorno é realizado em indivíduos com idade mínima de 18 anos, desde que apresentem um histórico de transtornos de conduta antes dos 15 anos. Convém destacar que a psicopatia apresenta frequentemente associação com comportamentos antissociais, entretanto, nem todos os comportamentos antissociais podem ser considerados indicativos de traços psicopáticos (Davoglio *et al.*, 2012).

A compreensão dos traumas está diretamente ligada ao enfrentamento de experiências significativas que geram profundo sofrimento psicológico, cuja etiologia e desenvolvimento ainda são pouco compreendidos. Porém a infância é um período fundamental para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social do indivíduo, e experiências adversas, como abuso, negligência e exposição à violência, podem ter impactos significativos na formação da personalidade.



A teoria de Melanie Klein descreve a vida de fantasia como elemento central no desenvolvimento psíquico desde os primeiros momentos de vida. Inicialmente, o funcionamento mental do bebê é dominado por fantasias inconscientes ligadas à fase oral, marcadas por impulsos sádicos e sentimentos como inveja, ódio e voracidade. Nesse estágio, a criança divide o seio materno em “bom” e “mau”, e dirige ataques fantasiosos ao seio frustrador, utilizando, simbolicamente, partes de seu corpo como armas (Pereira, 2007).

A ausência de um suporte emocional durante a infância pode resultar em consequências severas no desenvolvimento do indivíduo, levando a comportamentos impulsivos e dificuldades em gerenciar frustrações, aspectos frequentemente observados em pessoas com traços psicopáticos. Por isso, é essencial entender como eventos traumáticos podem contribuir para o surgimento da psicopatia, afetando o funcionamento cerebral, a regulação emocional e a formação dos vínculos interpessoais (Porfírio; Silva, 2021).

No contexto do desenvolvimento infantil, essa vulnerabilidade é acentuada, uma vez que as crianças ainda estão em processo de estruturação psíquica e aquisição de habilidades de regulação afetiva, capacidade reflexiva e autonomia. Portanto, os cuidados primários desempenham um papel fundamental nesse processo, fornecendo a base para a construção da confiança nos objetos e o fortalecimento dos recursos psicológicos. No entanto, experiências traumáticas ou falhas significativas nas relações precoces podem comprometer esse desenvolvimento, dificultando a simbolização das vivências e tornando o indivíduo mais suscetível ao sofrimento psíquico (Waicamp; Serralta, 2018).

Com isso, o objetivo é analisar a relação entre traumas infantis e o desenvolvimento de traços psicopáticos na vida adulta.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fatores Biopsicossociais e a Manifestação da Psicopatia

A psicopatia é concebida como um produto da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Contudo, essa interação não implica um peso igual para todos os



elementos, visto que o psiquismo do indivíduo e suas ações sociais são primordialmente decorrentes de suas bases biológicas. Apesar da maioria dos pesquisadores reconhecerem a correlação etiológica entre dados orgânicos e ambientais a investigação dos processos não biológicos (como os psicológicos e sociais) permanece escassa, sendo que mesmo quando consideradas, esses fatores são frequentemente tratados como dependentes a condição (Arfeli; Martin, 2023).

Conforme apontam estudos, trata-se de um transtorno com bases tanto biológicas quanto sociais, relacionadas ao desenvolvimento da personalidade:

A psicopatia pode ser entendida como um transtorno cujas origens remetem a eventos neurobiológicos e psicossociais relativos ao desenvolvimento da personalidade. Isso significa dizer que as diferentes estruturas cerebrais verificadas como alteradas em psicopatas adultos revelam-se, no que se refere à suas regularidades funcionais, passíveis de manutenção ou modificação, conforme o próprio ambiente no qual o indivíduo se desenvolve (Vasconcellos *et al.*, 2017).

Segundo Bins e Taborda (2016), o modelo clássico biopsicossocial, propõe que a psicopatia se desenvolve a partir de componentes genéticos e neurobiológicos associados a traços de impulsividade, cujo risco aumenta quando há exposição a ambientes disfuncionais, como famílias instáveis ou ausência de suporte comunitário.

Dessa forma, essas influências ambientais podem modular a expressão dos fatores genéticos, promovendo alterações na estrutura e no funcionamento cerebral, além de modificar substâncias neuro químicas, que influenciam o comportamento (Bins; Taborda, 2016).

No entanto, o sofrimento psíquico possui uma etiologia complexa, trata-se de uma condição que vai além das definições tradicionais de transtornos mentais, por se relacionar à singularidade de cada indivíduo. No caso da infância, essa complexidade é ainda mais acentuada, uma vez que as estruturas orgânicas e psíquicas ainda estão em processo de formação. Isso reforça a distinção entre ser e estar: a criança pode estar em uma condição diagnóstica momentânea, sem que isso defina sua identidade ou trajetória futura (Freitas; Guimarães; Susin, 2022).

A infância é compreendida como um período fundamental de constituição subjetiva. Desde os primeiros momentos de vida, é essencial a presença de um outro que reconheça, para além do corpo biológico, a existência de um sujeito em formação, com potencial para desenvolver uma história e um futuro próprios (Freitas; Guimarães;



Susin, 2022).

Nesse sentido, essa singularidade emerge da interação entre a estrutura orgânica do corpo e o campo simbólico ao qual está inserido, composto pela linguagem, pela cultura e pelas experiências (Freitas; Guimarães; Susin, 2022).

Acredita-se que, atualmente, aspectos ambientais, aliados a condições socioeconômicas precárias, estejam se sobrepondo aos fatores genéticos na etiologia desse transtorno. A maioria dos psicopatas identificados pertence à população carcerária, sendo comum que esses indivíduos tenham vivenciado contextos marcados por pobreza, negligência e ausência de afeto (Gomes; Almeida, 2010).

Nesse contexto, indivíduos que se desenvolvem em ambientes mais estáveis tendem a apresentar traços de personalidade como maior sociabilidade, habilidade para cooperar, além de maior capacidade de planejamento e autocontrole. Já aqueles expostos a contextos mais instáveis demonstram características como extroversão e abertura a novas experiências. Pessoas com esse perfil também costumam assumir mais riscos e manifestar maior irritabilidade diante de imprevistos, especialmente quando percebem perda de controle sobre a situação (Silva; Barbosa; Souza, 2024).

Para Winnicott, segundo a interpretação de Bueno (2012), a tendência antissocial está diretamente relacionada à privação, a qual não se configura apenas como uma carência, mas como um desapossamento capaz de fragilizar a confiança da criança no cuidado. Nessa perspectiva, o indivíduo, movido por impulsos inconscientes, busca alguém que assuma a função de cuidador, evidenciando a importância do ambiente familiar, escolar ou social na gênese e no manejo da tendência antissocial.

Contudo, a autora ressalta ainda que, na base desse fenômeno, encontra-se uma experiência inicial de satisfação que foi interrompida, sendo fundamental oferecer à criança um ambiente estável e acolhedor, que possibilite a retomada da confiança e a reconstrução dos vínculos afetivos (Bueno, 2012). Os fatores psicológicos envolvidos nesse processo incluem vivências traumáticas durante a infância e adolescência, como maus-tratos, humilhações, abusos físicos e emocionais, entre outros eventos estressantes. Tais experiências, acumuladas ao longo do tempo, podem levar ao endurecimento emocional e ao comprometimento da empatia, características marcantes da psicopatia (Gomes; Almeida, 2010).

Conforme Silvano e Martins (2023), a psicopatia, é constituída ao longo da vida,



decorrente de traumas, negligências e identificações inconscientes, sendo o modo como o sujeito lida com essa estrutura psíquica por meio da sublimação, superação, autodestruição ou criminalidade, o que será determinante em sua trajetória. Os autores destacam ainda que tais manifestações não surgem de maneira espontânea, mas são consequências direta da relação do sujeito com o ambiente e com suas experiências primárias, especialmente aquelas vividas na infância.

A íntima relação da psicopatia com a antissociabilidade é central para sua definição, visto que os indivíduos psicopatas consideram as normas sociais como meros entraves: regras e as expectativas da sociedade são vistas como inconvenientes e insensatas, verdadeiros obstáculos à expressão comportamental de suas inclinações e desejos. Essa rejeição psicológica às regras, que vai além da simples antipatia, estabelece uma predisposição comportamental para a prática de condutas ilícitas (Arfeli; Martin, 2023).

De acordo com Barretta (2012), com base na teoria de Winnicott, a existência se fundamenta em uma ilusão originária de ter criado o mundo, estabelecido no contato inicial com a mãe ambiente. Essa ilusão, sustentada por um fundo de solidão essencial, é a condição para o desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e uma moralidade pessoal não rígida. Quando o ambiente não é suficientemente bom para sustentar essa ilusão de forma segura, o indivíduo não desenvolve essa moralidade originária e passa a depender de códigos morais externos.

Nessa perspectiva, os traumas infantis decorrentes da ausência de um ambiente confiável comprometem a constituição do self e a integração saudável da vida instintiva, podendo contribuir para o surgimento de traços psicopáticos. Esses traços se manifestam como formas patológicas da relação com o outro, marcadas por retraimento afetivo, falta de empatia e dificuldade em reconhecer a desproporção característica, que têm origem na ruptura precoce do vínculo confiável com o cuidador (Barretta, 2012).

Tais acontecimentos não devem ser compreendidos de forma isolada, sob o risco de reduções simplistas de cunho exclusivamente biológico ou psicológico. A infância é marcada por uma série de operações constituintes, em que se destacam a sensibilidade às inscrições simbólicas, a plasticidade neuronal e a influência dos fatores ambientais (Freitas; Guimarães; Susin, 2022).



Conforme Davoglio *et al.* (2012), a manifestação precoce da psicopatia envolve três dimensões significativas, além dos comportamentos antissociais propriamente ditos, assim definidas:

1. Um estilo interpessoal enganador e arrogante, incluindo desinibição ou charme superficial, egocentrismo ou um senso grandioso de autoestima; mentira, trapaça, manipulação e enganação.
2. Experiência afetiva deficiente, com pouca capacidade de sentir remorso, culpa e empatia; uma consciência fraca, insensibilidade, afeto superficial e falha em aceitar responsabilidade pelas ações (utilizando-se de negação, desculpas etc.).
3. Um estilo de comportamento impulsivo ou irresponsável, incluindo tédio, busca contínua por emoção, falta de metas em longo prazo, impulsividade, falha em pensar antes de agir e um estilo de vida parasita (tais como, dívidas, hábitos de trabalho insatisfatórios).

Segundo o autor Davoglio *et al.*, (2012) ressalta que, as comorbidades frequentemente observadas na infância e adolescência podem levar à confusão entre os traços de psicopatia e os presentes em outros transtornos comuns nessa faixa etária, o que acentua as preocupações relacionadas à diferenciação diagnóstica, tornando necessário levar em conta o contexto da história de vida de cada indivíduo, bem como a intensidade, a frequência e os efeitos desses comportamentos em diferentes áreas do desenvolvimento.

Traumas que podem influenciar o desenvolvimento da psicopatia

O trauma é sobre toda violação a subjetividade e um confronto aos danos do corpo e da mente causados pela experiência, é o medo em sua forma mais primitiva (medo do desamparo), pois os laços criados durante sua vida são rompidos e o mundo não é mais seguro, pois a estrutura que sustenta sua subjetividade foi quebrada por outro (Gerhardt, 2017).

Segundo Gerhardt (2017) As influências dos traumas podem surgir já na gestação, uma vez que o estilo de vida da mãe influencia diretamente o desenvolvimento do feto. Neste contexto, a criança demanda uma proteção e cuidado intensificados, o mundo emocional criado pelos pais, é vivido com mais intensidade durante a gestação e desaparece de acordo que a dependência diminui, e como recompensa é criado uma devoção a seus cuidadores.



Nas configurações familiares da sociedade contemporânea, os parâmetros para definir os limites da negligência estão em constante análise. Além disso, a estrutura física de uma casa não define o conceito de família; o que realmente caracteriza uma família são os vínculos afetivos estabelecidos entre seus membros (Sales; Barth, 2023).

Diante desse contexto, é possível observar que diversos fatores sociais podem impactar significativamente o desenvolvimento infantil. Como destacam Sales e Barth (2023):

A desigualdade social é um fator de risco que pode levar à evasão escolar, exposição à violência, déficit alimentar, entre outros. Tais fatores podem acabar afetando o desenvolvimento cognitivo dessas crianças, como o desenvolvimento de personalidade.

No entanto, não é toda criança que passa por um lar desestruturado, que irá se tornar um psicopata ou que terá predisposição a violência. Contudo, quando a criança já possui uma predisposição, a combinação com fatores ambientais desfavoráveis pode aumentar significativamente as chances de desenvolvimento desse transtorno (Porfírio; Silva, 2021).

Segundo Winnicott, o respeito à necessidade de cada fase e o estabelecimento de vínculos afetivos seguros favorece o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. O ambiente familiar e o cuidado oferecido ao bebê são protagonistas na formação da confiança básica, permitindo que a criança construa recursos internos para lidar com frustrações e desafios futuros. Quando essas necessidades não são atendidas, podem surgir dificuldades emocionais na formação de vínculos e o desenvolvimento de traços psicopáticos na vida adulta (Sales; Barth, 2023).

Ao aprofundar sobre os traumas na infância relacionados ao convívio com a família, Winnicott nomeia alguns tipos de traumas que são: original, grosseiro e sutil. O trauma original, caracterizado por ocorrer durante a fase de dependência absoluta do bebê. A reação do bebê diante desse evento traumático manifesta-se como um estado confusional e de desesperança, marcado por sofrimento de qualidade ansiosa (Cocco; Tosta, 2019).

Nessa condição, o bebê recorre a uma organização defensiva contra a angústia do que ainda lhe é impensável, uma vez que não dispõe de recursos mentais e psíquicos suficientes para tolerar o impacto do trauma. Como consequência, observa-se um fracasso na constituição do si mesmo e na organização do ego, o que interfere na



conquista das relações objetais e no desenvolvimento saudável da personalidade (Cocco; Tosta, 2019).

Traumas grosseiros são definidos como experiências invasivas, intrusivas e molestadoras, cujos efeitos podem ser profundamente prejudiciais ao desenvolvimento psíquico do bebê, da criança ou do indivíduo ao longo da vida. Tais eventos, geralmente comprometem a integridade física e emocional, podendo resultar em consequências duradouras para sua saúde mental e relacional (Cocco; Tosta, 2019).

O ambiente familiar, na maioria das vezes, oferece proteção contra os traumas grosseiros aqueles resultantes de ações deliberadas de um sujeito abusador, como casos de incesto ou outros tipos de violência, que não são impedidos pelos membros da própria família. (Roxo; Câmara, 2024).

Já em relação aos traumas “sutis”, observa-se que determinadas experiências traumáticas, ainda que discretas ou aparentemente insignificantes, podem desencadear reações intensas no indivíduo, semelhantes às aquelas observadas em traumas originais. Essas situações, frequentemente relacionadas a pequenas falhas no ambiente de cuidado, tendem a mobilizar defesas psíquicas previamente estabelecidas, refletindo a importância das experiências iniciais na constituição emocional (Cocco; Tosta, 2019).

Esses traumas sutis podem ser desencadeados por fatores externos e por manejos inadequados de situações cotidianas, refletindo falhas na adaptação da família às demandas afetivas e psíquicas da criança. (Roxo; Câmara, 2024).

Outro fator que influencia a estruturação da tendência antissocial é a fase em que os traumas ocorrem, na qual Winnicott define os conceitos de privação e deprivação. Na qual, a privação refere-se ao período inicial da vida, nos primeiros meses, em que o bebê depende integralmente da mãe para suprir suas necessidades emocionais e físicas. Por sua vez, a deprivação ocorre entre seis meses e dois anos de idade, fase em que a dependência da mãe já não é absoluta, mas o afeto e a atenção permanecem essenciais para o estabelecimento de vínculos seguros. A ausência ou inadequação dos cuidados nesse período pode comprometer o desenvolvimento do apego, favorecendo o surgimento de dificuldades emocionais e comportamentais. Em ambos os casos, a negligência nos cuidados parentais pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos antissociais na vida adulta (Sales; Barth, 2023).

A tendência antissocial pode ser entendida como um fenômeno que se desdobra



em diferentes etapas ao longo do desenvolvimento humano, abrangendo manifestações como a delinquência e a psicopatia. A teoria de Winnicott indica que a psicopatia corresponde ao estágio adulto em que não houve superação da delinquência, enquanto o comportamento delinquente é característico de indivíduos que, ainda na infância ou adolescência, não conseguiram resolver sua tendência antissocial. Na origem desse processo, destaca-se a condição da criança antissocial, frequentemente associada à vivência de privação nos primeiros anos de vida (Roxo; Câmara, 2024).

Nesse contexto, o transtorno de conduta é um quadro psicopatológico que se manifesta predominantemente na infância ou adolescência, sendo caracterizado por comportamentos que violam normas sociais e legais estabelecidas. Esses comportamentos incluem agressividade, desrespeito a regras, impulsividade e, frequentemente, envolvimento em situações de risco. Quando tais padrões comportamentais se tornam persistentes e não recebem intervenção adequada, podem evoluir para quadros mais graves na vida adulta (Sales; Barth, 2023).

A relação entre o transtorno de conduta e o transtorno de personalidade antissocial (Tpas) é amplamente discutida na literatura. Com isso, os estudos indicam que o transtorno de conduta pode ser considerado um precursor do Tpas, especialmente quando os comportamentos antissociais iniciados na infância ou adolescência persistem sem tratamento até a fase adulta (Sales; Barth, 2023).

Dessa forma, o transtorno de conduta pode ser entendido como uma manifestação inicial de comportamentos antissociais, que, se não tratados, tendem a se cristalizar e evoluir para o transtorno de personalidade antissocial. A identificação precoce e o manejo adequado desses comportamentos são fundamentais para prevenir o agravamento do quadro e promover o desenvolvimento saudável do indivíduo (Sales; Barth, 2023).

Compreender e identificar traumas são fundamentais, pois eles podem desestabilizar os esquemas psíquicos da criança, comprometendo negativamente o desenvolvimento de sua personalidade e favorecendo o surgimento precoce do transtorno. Em suma fatores como estrutura familiar desorganizada, negligência, abuso durante a infância, gravidez não desejada e o convívio em ambientes marcados pela violência são apontados como possíveis influências no desenvolvimento de traços psicopáticos (Porfírio; Silva, 2021).



Identificação precoce

O cuidar é essencial para a formação psíquica do indivíduo, pois permite o “fazer sentido” e a assimilação e elaboração das experiências que fazem parte da vida humana. A família tem a função de acolher, hospedar, agasalhar e alimentar. Ao desempenhar bem essa função, ela proporciona um senso de continuidade, tanto no aspecto psicossomático quanto no que diz respeito às referências identitárias e simbólicas (Vieira; Zornig, 2015).

Com base nisso, o suporte psíquico fornecido pelas figuras parentais é fundamental para a formação da constituição psíquica da criança, pois serve como base para os impulsos infantis. No entanto, é preciso que haja a assimetria entre adulto e criança, que diz respeito à distinção inicial entre esses indivíduos, a qual confere uma formação subjetiva e, simultaneamente, uma responsabilidade única dos adultos, que possibilita a diferenciação da criança como sujeito (Mainard; Okamoto, 2017).

Pode-se compreender que, na infância, a condição de dependência em relação ao outro é fundamental para a sobrevivência e para o desenvolvimento psíquico, tornando a criança especialmente vulnerável a vivências de desamparo e de situações traumáticas. Tais experiências precoces podem mobilizar intensas angústias e deixar marcas no psiquismo, influenciando o modo como o sujeito se constitui emocionalmente e se relaciona com o outro (Zavaroni; Viana, 2015).

O trauma pode ser compreendido como um processo psíquico que envolve, essencialmente, a confrontação do sujeito com experiências de intensa angústia. Nesse sentido, a compreensão do trauma está vinculada à experiência concreta de situações traumáticas específicas, evidenciando seu impacto na formação e dinâmica do funcionamento psíquico (Zavaroni; Viana, 2015).

Com isso, a partir da visão Winnicottiana, os primeiros transtornos de comportamento geralmente se manifestam ainda na infância, como reflexo do fracasso dos pais em se adaptarem adequadamente às necessidades emocionais da criança. Esse quadro clínico pode englobar comportamentos como caprichos excessivos, voracidade, reclamações constantes e resistência à separação dos pais. Tais manifestações podem



ser compreendidas como tentativas inconscientes da criança de restaurar a relação primária com os cuidadores, marcada por uma ruptura no cuidado ou quebra do vínculo afetivo (Mello; Gonzalez, 2019).

Além disso, Winnicott ressalta que os próprios pais, ao reconhecerem essas falhas, têm potencial para reparar os danos por meio de novas adaptações e ações reparadoras (Mello; Gonzalez, 2019).

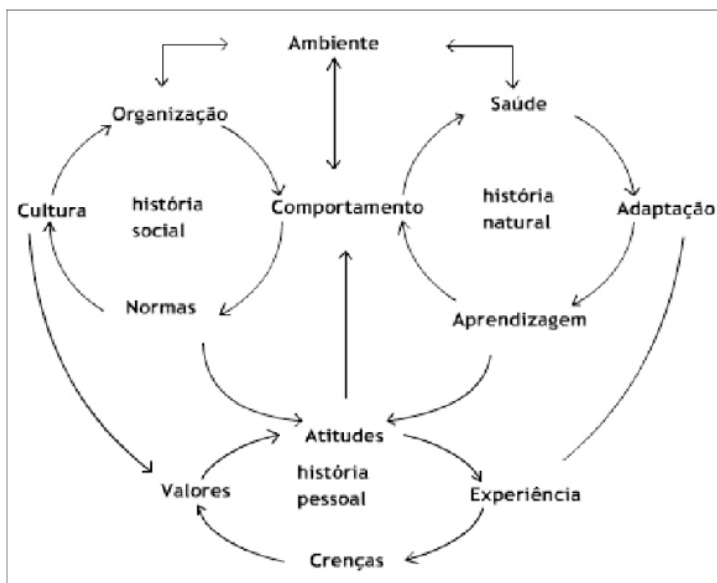
Segundo Roxo e Câmara (2024), com base na teoria de Winnicott, quando a mãe oferece uma proteção suficientemente boa ao ego do bebê, especialmente contra as agonias impensáveis, possibilita-se a constituição de uma personalidade sustentada por um contínuo de existência. Nessas condições, o bebê pode desenvolver seu vir a ser, acumulando experiências próprias e alcançando o estágio do “eu sou” caracterizado por uma integração psicossomática na qual a pele delimita o eu e o não eu, e a psique passa a habitar o corpo.

Por outro lado, falhas significativas nesse processo podem gerar experiências de fragmentação e desintegração do ser, o que evidencia a importância do cuidado materno suficientemente bom e da identificação precoce dessas falhas, uma vez que o reconhecimento e a intervenção diante delas podem favorecer a retomada da evolução emocional e a preservação da continuidade do ser (Roxo; Camara, 2024).

Na primeira infância ocorre um processo contínuo de integração entre aspectos biológicos e socioculturais, a partir das experiências vividas pela criança. Desse modo, quanto mais favoráveis forem essas vivências, melhor será a formação e preparação do sujeito para a vida. Estímulos adequados, vínculos afetivos e relações de cuidado são fundamentais para o desenvolvimento humano pleno (Kuhn; Martins, 2024). A seguir, apresenta-se a figura 3 que evidencia a integração dos fatores biopsicossociais no desenvolvimento humano.



Figura 3: Esquema dos fatores biopsicossociais relacionados ao desenvolvimento humano.



Fonte: Fragelli; Günther, 2012.

Embora o cérebro mantenha sua plasticidade ao longo da vida, a capacidade de aprendizado é significativamente maior nos primeiros anos, tornando a infância um período essencial para a oferta de múltiplos estímulos e experiências nessa fase. Além disso, é nesse período que se iniciam processos de identificação e reconhecimento, nos quais a criança começa a construir sua percepção de si e do outro, o que inclui também a formação de atitudes diante das diferenças, podendo ser o ponto de partida para o desenvolvimento de relações mais empáticas e respeitosas (Kuhn; Martins, 2024).

Assim, a intervenção precoce nos fatores de risco na infância é fundamental, dada a dificuldade de tratar na fase adulta. Essa prevenção pode promover uma formação psíquica mais saudável e adaptativa, reduzindo a chance de manifestação de traços psicopáticos na vida adulta. As ações preventivas devem ser prioritariamente implementadas no contexto familiar. Programas de orientação e acolhimento direcionados a crianças que apresentam indícios precoces de psicopatia (e seus responsáveis) são primordiais para a redução de riscos. (Porfírio; Silva, 2021).

Desta forma, intervenções precoces e a promoção de mudanças ambientais que visem à redução de fatores de risco (inclusive biológicos) são consideradas estratégias essenciais. A relevância do problema social imposto pela psicopatia ressalta a urgência de intensificar e aprofundar os estudos e as estratégias de prevenção com foco na infância e no ambiente familiar, visando um impacto positivo na saúde mental e social.



METODOLOGIA

Este estudo adotou a revisão bibliográfica, que segundo Garcia (2016), é conduzida com o objetivo de reunir e analisar um conjunto amplo de publicações científicas relevantes, visando descrever e discutir o desenvolvimento da temática proposta sob os pontos de vista contextual e teórico. Sendo abordagem qualitativa com características exploratória e explicativa para interpretar os dados extraídos da literatura, destacando semelhanças e diferenças entre os autores, possibilitando uma compreensão ampla do tema a partir da literatura científica desses artigos com características psicopáticas.

Além de ser uma etapa essencial para a construção do conhecimento científico, a Revisão Bibliográfica também se configura como um método independente, que contribui para o desenvolvimento de uma revisão de literatura estruturada e embasada, evidenciando o acúmulo de publicações e o diálogo crítico com diferentes autores (Rodrigues; Neubert, 2023).

As buscas foram realizadas por meio de pesquisas em bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs/BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e na U. S. National Library of Medicine (PubMed). Foram utilizados descritores em combinação com o termo booleano "AND": Trauma, Infância, Antissocial, Psicopatia, Psicanálise, Psicologia, Personalidade.

Os critérios de inclusão adotados seguem os seguintes aspectos: artigos científicos no eixo temático da pesquisa, artigos publicados entre 2014 e 2024, artigos disponíveis no idioma português, artigos disponíveis na íntegra, de acesso livre. Os parâmetros adotados como método de exclusão foram artigos, publicados fora marco temporal, artigos em outros idiomas, artigos que não tinham compatibilidade com os objetivos do estudo ou que abordavam aspectos metodológicos, clínicos ou psicométricos sem conexão com a psicopatia e os traumas infantis assim como, textos com repetições nas bases de dados, teses dissertações, livros, resenhas, manuais, relatos de casos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 92 artigos nas bases SciELO, LILACS e PubMed, sendo 19 na SciELO, 70 na LILACS e 3 na PubMed. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas 10 artigos foram selecionados para compor o corpus da pesquisa: 06 provenientes da SciELO e 04 da LILACS, desconsiderando 2 artigos deste último portal que estavam direcionados para a SciELO e, portanto, categorizados por essa base. Nenhum artigo da PubMed foi incluído, pois não atendia aos critérios estabelecidos para os objetivos do estudo. O processo de seleção dos documentos está detalhado no Quadro.

Após a leitura integral dos artigos, os dados extraídos foram ordenados e categorizados para fundamentar a descrição detalhada da revisão. A análise centralizou-se na correlação entre traumas infantis e o desenvolvimento de traços psicopáticos na idade adulta, conforme sintetizado no Quadro 1. É essencial notar que o panorama atual da literatura sobre o tema revela uma incipiente maturidade de pesquisa.

Quadro 1: Seleção de documentos entrados e selecionados das bases/ portais de acordo com as palavras-chave.

Bases /Portal	Palavras- chave combinadas	Artigos identificados	Artigos selecionados
SciELO	Trauma <i>and</i> Psicologia <i>and</i> Infância	08	02
	Psicologia <i>and</i> Psicopatia <i>and</i> Personalidade	10	03
	Intervenção <i>and</i> Antissocial	02	01
Lilacs/ BVS	Traumas <i>and</i> Psicologia <i>and</i> Infância	41	02
	Psicologia <i>and</i> Psicopatia <i>and</i> Personalidade	16	02
	Intervenção <i>and</i> Antissocial	13	0
Pubmed	Trauma <i>and</i> Psychology <i>and</i> Childhood	1	0
	Psychology <i>and</i> Psychopathy <i>and</i> Personality	1	0
	Intervention <i>and</i> Antisocial	1	0
Total		92	10

Fonte: Elaborado pelas autores, 2025.



Após o processo de seleção os artigos foram divididos, categorizados e compilados de 1 a 10 segundo os objetivos do estudo, ano de publicação, autor, ano, título e resumo das publicações no quadro 2. A síntese dos dados foi realizada por meio de abordagem descritiva, visando à observação, classificação e comparação sistemática das evidências científicas identificadas. Esse procedimento permitiu a identificação de padrões, convergências e divergências entre os estudos analisados, contribuindo para uma compreensão aprofundada do fenômeno investigado.

Quadro 2: Panorama dos estudos incluídos na revisão bibliográfica, segundo identificação (ID), Ano/País de publicação, Autor, Título e Resumo.

Id	Ano/ País	Autor	Título	Resumo
1	2015 Brasil	FRANÇA, C	A psicanálise pode ajudar a deter a roda-viva da violência social?	O artigo discute o impacto da violência social na clínica psicanalítica infantil, destacando que o traumatismo desorganiza o psiquismo, levando o conteúdo a ficar encapsulado e não metabolizado. O principal risco identificado é a identificação com o agressor, que surge como defesa psíquica (clivagem) para permitir que a criança mantenha o amor e a obediência aos adultos provedores (mesmo que violentos), o que contribui para o crescimento exponencial da violência social.
2	2020 Brasil	SCHMIDT, F. <i>et al.</i>	Associação entre traumas da infância e a representação de apego parental na vida adulta.	Este estudo correlacional avaliou a relação entre traumas na infância (abuso e negligência) e o estilo de apego parental na vida adulta. Os resultados indicaram que: 1) o aumento do controle materno e paterno está correlacionado com maior abuso emocional, negligência e trauma total na infância; 2) o cuidado materno e paterno se correlaciona inversamente com todas as dimensões do trauma; 3) características de controle na relação com o pai estão relacionadas a todos os tipos de trauma na infância. A pesquisa destaca o papel da representação de apego como modulador das consequências do trauma no desenvolvimento psicológico.
3	2023 Brasil	KESSLER, H. P.; GAGEIRO, A. M.	Psicanálise, violências e o tempo: a construção coletiva de uma metodologia de trabalho.	O ensaio aborda a escuta psicanalítica de sujeitos expostos a violências e violações de direitos, destacando o desafio da temporalidade do trauma. Propõe uma metodologia de trabalho que opera na rearticulação do tempo para criar um tempo narrativo. O objetivo é oferecer um contraponto à temporalidade traumática, permitindo que o sujeito fale, historize o vivido e rompa o ciclo da repetição.
4	2023 Brasil	MENEZES, M.S.; FARO, A.	Avaliação da relação entre eventos traumáticos infantis e comportamentos autolesivos em adolescentes.	O estudo objetivou verificar a relação entre eventos traumáticos (ET) na infância e a ocorrência de comportamentos autolesivos em adolescentes. As altas taxas de ET e a automação encontradas revelam a gravidade do problema, e a investigação busca contribuir para a elaboração de intervenções de prevenção e controle dos fatores de risco.



5	2015 Brasil	ZAVARON I, D.; VIANA, T.	Trauma e Infância: Considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas	O artigo discute o conceito freudiano de trauma, propondo o termo “situação potencialmente traumática”, para nomear o acontecimento na constituição do trauma. Argumenta que o trauma não decorre apenas do fato em si, mas da incapacidade do sujeito de elaborar o excesso de excitação, o que é crucial na infância. Introduz os termos “desamparo primário” e “secundário” para analisar o lugar do desamparo na constituição psíquica.
6	2016 Brasil	SANTOS, M. J.	Do “psicopata-monstro” ao “psicopata comum”: os desmentidos nossos de cada dia.	O artigo propõe um deslocamento da figura do “psicopata-monstro” para o “psicopata comum”, que se manifesta primariamente no domínio político e institucional. Esta figura é caracterizada por uma dinâmica que privilegia os efeitos do desmentido, sendo extremamente hábil em impor a “verdade mentirosa” e recusar a castração, o que reflete uma banalização da perversão na sociedade contemporânea.
7	2020 Brasil	TEIXEIRA, J. <i>et al.</i>	Vitimização e psicopatia em autores de violência sexual contra crianças e adolescentes.	O objetivo do estudo foi investigar a vitimização em autores de violência sexual contra crianças e adolescentes, assim como sua relação com traços de psicopatia. Participaram 30 reeducandos cumprindo pena em regime fechado por crimes sexuais contra crianças e adolescentes.
8	2023 Brasil	ARFELI, G. F.M.; MARTIN, S.T.F.	A psicopatia e o criminoso: a Modernização do positivismo criminológico	O artigo defende que o conceito de Psicopatia constitui uma modernização do “criminoso nato” de Lombroso, atuando como neopositivismo criminológico. Ambos os conceitos naturalizam a criminalidade e possuem a mesma função ideológica de legitimar a seletividade penal, o encarceramento em massa e a violência do Estado contra grupos socialmente marginalizados.
9	2017 Brasil	MEDEIRO S, A.P. <i>et al.</i> ,	Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional.	O estudo visou compreender os psicodinamismos familiares envolvidos no surgimento e na manutenção da tendência antissocial. Aborda a tendência antissocial na criança, manifestada por sintomas como brigas, agressividade e mentiras, a partir de uma perspectiva transgeracional, para identificar a forma como ocorrem a transmissão psíquica e o processo estruturante da organização familiar.
10	2024 Brasil	APOLINAR IO, J.S.L.; FLORES, C.M.; LOPES, G.F.	Maus-tratos infantis e traços de personalidade como preditores de agressividade em adolescentes.	O estudo objetivou verificar a influencia de traços de personalidade, maus tratos infantis e ambiente escolar nos níveis de agressividade em 245 estudantes do ensino médio do sexo masculino de escolas públicas no Brasil

Fonte: Elaborado pelas autores, 2025.

A análise crítica dos artigos permite a integração e o refinamento do referencial teórico deste estudo, que sustenta a multicausalidade da psicopatia com ênfase no trauma infantil. Os achados de Schmidt *et al.*, (2020) e França (2015) fornecem a base empírica para a Teoria da Falha Ambiental de Winnicott e a psicanálise kleiniana, ao



demonstrarem que o trauma se origina no fracasso do autocontrole e o baixo afeto parental precisamente a definição do "ambiente suficientemente bom", manifestado por alto controle e baixa afetividade parental que comprometem o desenvolvimento de uma representação de apego seguro.

Essa falha relacional leva à clivagem e à identificação com o agressor (França, 2015) como mecanismos de defesa radicais, estabelecendo o substrato psíquico para o desenvolvimento dos traços psicopáticos de frieza, manipulação e falta de remorso, pois o *self* é estruturado sob o signo da violência e da objetificação do outro.

Embora o conceito contemporâneo de psicopatia ainda carregam a herança positivista do Criminoso por Natureza (Arfeli & Martin, 2023), que enfatiza a etiologia orgânica, os achados desta revisão reafirmam o Modelo Biopsicossocial, direcionando o foco para a falha ambiental como elemento desencadeador. Nessa ótica, a predisposição biológica pode ser ativada e moldada pela falha nos vínculos afetivos, confirmando que a qualidade do apego parental é o vetor de risco primordial.

O vínculo causal entre trauma e traços psicopáticos é mediado por mecanismos psíquicos complexos. A Psicanálise, conforme sustentado pelo referencial, explica que a vivência de uma situação potencialmente traumática (Zavaroni & Viana, 2015) gera um excesso que o *self* infantil não consegue simbolizar, levando a um estado de desamparo primário ou secundário.

Para sobreviver a este evento traumático e, manter o vínculo com o cuidador negligente ou abusivo, a criança recorre a defesas radicais como a clivagem e a identificação com o agressor (França, 2015). Essa identificação é o centro do psicodinamismo da tendência antissocial (Medeiros *et al.*, 2017), pois permite a continuidade da obediência e do amor à custa da desumanização e da repetição da violência. Em um nível transgeracional, esse padrão de desorganização familiar atua na transmissão psíquica de ansiedades não elaboradas, perpetuando o ciclo da violência e da psicopatologia.

A análise crítica impõe, um refinamento sobre a manifestação do trauma, embora a vitimização esteja ligada à psicopatia severa (Teixeira *et al.*, 2020). O estudo de Apolinário *et al.*, (2024) introduz uma importante ressalva, que: os maus-tratos



infantis não predizem a agressividade em adolescentes, mas sim o Neuroticismo¹⁵ e a Baixa Amabilidade¹⁶. Isso sugere que o trauma não se traduz linearmente em comportamentos externalizantes, mas afeta de modo mais profundo a estrutura da personalidade e a socialização, elementos centrais na psicopatia.

Este achado, somado à forte correlação entre trauma e comportamentos Autolesivos (Menezes; Faro, 2023), sugere que o efeito imediato e universal do trauma é a desorganização e a fragilização estrutural do *self*. A psicopatia, nesse contexto, pode ser vista como uma patologia do tempo e da simbolização: o evento traumático se torna um instante perpétuo¹⁷ (Kessler & Gageiro, 2023), que impede a elaboração e a construção de um tempo narrativo¹⁸. A frieza e o cinismo do psicopata seriam, então, a expressão de uma estrutura psíquica rígida, congelada na repetição do ato e incapaz de integrar a culpa ou o remorso.

As principais contribuições deste estudo consistem na validação, sob a ótica psicanalítica, da relação etiológica entre o trauma e a formação da estrutura psicopática, além do aprimoramento da compreensão sobre a cadeia causal ao distinguir entre danos estruturais: como alterações na personalidade e processos de internalização, e manifestações comportamentais externalizantes, como a agressividade.

Ressalta-se, que a principal limitação reside no carácter predominantemente transversal dos estudos analisados, os quais, apesar de evidenciarem forte associação entre as variáveis, não permitem identificar o momento decisivo em que a tendência antissocial, conforme proposto por Winnicott, se consolida em psicopatia.

As implicações deste estudo apontam para a importância da prevenção primária e secundária, destacando a necessidade de políticas públicas voltadas para a qualidade do cuidado parental e do apego. Além disso, ressalta-se a urgência de intervenções clínicas que promovam a simbolização do trauma e a reorganização da temporalidade do sujeito, atuando como um contraponto ético e estruturante diante do fluxo constante de violência social.

¹⁵Traço de personalidade que tem a tendência a experimentar emoções negativas e instabilidade emocional.

¹⁶Este traço refere-se à qualidade da interação social de um indivíduo e à sua orientação interpessoal.

¹⁷É uma condição subjetiva na qual o sujeito fica “preso” ou fixado ao momento do trauma, como se o evento ainda estivesse ocorrendo ou fosse uma “tarefa imediata ainda não executada”.

¹⁸Ele representa a possibilidade de o sujeito organizar e dar sentido à sua experiência, especialmente a traumática, transformando-a em uma história que pode ser contada e apreendida.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu refletir sobre como experiências adversas precoces, como negligência, abuso e ausência de vínculos afetivos estáveis, podem comprometer o desenvolvimento emocional e influenciar significativamente a constituição psíquica do sujeito.

Com base nos referenciais teóricos estudados, observou-se que a psicopatia não pode ser explicada de forma isolada por fatores genéticos ou biológicos. A interação entre aspectos biológicos, psicológicos e sociais, conforme proposto pelo modelo biopsicossocial, é determinante na manifestação desse transtorno. Sob essa perspectiva, os traumas infantis configuram-se como elementos centrais que podem fragilizar a capacidade empática, o controle emocional e o estabelecimento de vínculos saudáveis.

A partir da visão psicanalítica, especialmente nas contribuições de Winnicott e Klein, compreende-se que a qualidade do ambiente e o cuidado oferecido nos primeiros anos de vida são fundamentais para o amadurecimento emocional e a formação do self. A ausência de um ambiente suficientemente bom pode gerar rupturas na continuidade do ser, dificultando o processo de integração e favorecendo comportamentos antissociais e traços psicopáticos.

A implementação de estratégias preventivas, o fortalecimento dos vínculos afetivos e o apoio familiar se mostram caminhos essenciais para reduzir os riscos de desenvolvimento de psicopatologias graves na vida adulta.

Conteúdo, compreender a psicopatia sob uma perspectiva integrada, que considere os aspectos subjetivos, sociais e biológicos, amplia o olhar clínico e contribui para práticas preventivas e terapêuticas mais eficazes. O estudo reforça a necessidade de promover ambientes de cuidado e acolhimento emocional durante a infância, reconhecendo que é nesse período que se estabelecem as bases para o desenvolvimento saudável da personalidade.

Por fim, destaca-se a importância de estudos mais aprofundados que contribuam para a desmistificação de concepções equivocadas presentes no senso comum sobre a psicopatia. Compreender esse fenômeno para além de estereótipos midiáticos e



julgamentos morais é essencial para favorecer uma abordagem mais humanizada e científica, permitindo o reconhecimento de fatores de risco, de proteção e das múltiplas manifestações do transtorno ao longo do desenvolvimento. Pesquisas com esse enfoque podem ampliar debate acadêmico e social, promovendo conhecimento fundamentado e diminuindo estigmas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. texto revisado. Tradução de Daniel Vieira, Marcos V. Cardoso, Sandra M. M. Rosa. Revisão técnica de José A. S. Crippa, Flávia L. Osório, José D. R. Souza. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023. 735 p.

APOLINARIO, J. S. L.; FLORES, C. M.; LOPES, G. F. Maus-tratos infantis e traços de personalidade como preditores de agressividade em adolescentes. **Revista de Psicologia**, Lima, v. 43, n. 1, p. 552-591,. Epub 03-Ene-2025. <http://dx.doi.org/10.18800/psico.202501.019>. Disponível em http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S025492472025000100552&lng=es&nrm=iso. Acesso em 01 nov. 2025.

ARFELI, G. F. M.; MARTIN, S. T. F. A Psicopatia e o Criminoso Nato: a Modernização do Positivismo Criminológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e251227, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/tnkw4BFfScLxyhzNtnsqCzB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 06 de outubro de 2025.

BARRETTA, J. P. F. A origem da moralidade em Freud e Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 114-125, 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679432X2012000100005&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 08 maio. 2025.

BINS, H. D. C. B; TABORDA, J. G. V. Psicopatia: influências ambientais, interações biossociais e questões éticas. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 8–15, 2016. DOI: 10.25118/2236-918X-6-1-1. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/143> . Acesso em: 8 maio. 2025.

BUENO, P. B. A. Psicopatia: contribuições da psicanálise e da neurociência auxiliando na compreensão das possíveis causas do transtorno. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 30-46, 2012. Disponível em: <https://bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/471/2137> Acesso em: 05 de outubro de 2025.

COCCO, M. R.; TOSTA, R. M. Algumas ideias de Winnicott sobre o trauma e suas manifestações na clínica. **Bol. – Acad. Paul. Psicol**, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 217-224, dez. 2019. Disponível em



http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 21 out. 2025.

DAVOGLIO, T. R. *et al.* Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 17, n. 3, p. 453–460, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300014>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FRANCA, C. P. A Psicanálise pode ajudar a deter a roda-viva da violência social?. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora, v. 8, n. spe, p. 234-247, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202015000200006&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 01 nov. 2025.

FRAGELLI, T. B. O; GÜNTHER, I. A. A promoção de saúde na perspectiva social ecológica. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 151–158, 2012. DOI: 10.5020/674. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/674> . Acesso em: 22 out. 2025.

FREITAS, A. P. C.; GUIMARÃES, C. F.; SUSIN, L. A Cidade e a Infância: Possibilidades da Saúde Mental na Atenção Básica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e240239, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wp8bJrSkjr8ww3BgF6LhtCH/?lang=pt>. Acesso em: 09 de outubro de 2025.

GARCIA, Elias. **Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária**. Línguas & Letras, v. 17, n. 35, 2016.

GERHARDT, Sue. **Por que o amor é importante: como o afeto molda o cérebro do bebê**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

GOMES, C. C., & de ALMEIDA, R. M. M. Psicopatia em homens e mulheres. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, 62(1), 13-21. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672010000100003 Acesso em: 22 de setembro de 2025.

KESSLER, H. P.; GAGEIRO, A. M. Psicanálise, violências e o tempo: a construção coletiva de uma metodologia de trabalho. **Psicologia USP**, v. 34, p. e200181, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/fK9Xy7T7JxwwY7tDHhx9CWQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 de setembro de 2025.

KUHN, M; MARTINS, I. B. Estimulação dos bebês: desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural. **SciELO Preprints**, DOI: 10.1590/SciELOPreprints.10428. 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/10428>. Acesso em: 15 outubro de 2025.

MAINARDI, S. M; OKAMOTO, M. Y. Desenvolvimento das crianças: um olhar sobre o



papel da família e o papel da escola na perspectiva dos pais. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 822-839, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16771168201700030004. acesso em: 22 out. 2025.

MEDEIROS, A. P; SANTOS, M. A; BARBIERI, V. Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional. **Psicol. Clin.** Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 275-295, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652017000200008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 08 nov. 2025.

MELLO, J. S; GONZALEZ, F. Mentres monstruosas: as contribuições atuais da psicanálise sobre a psicopatia. **Revista Uningá**, [S. l.], v. 56, n. S1, p. 218–230, 2019. DOI: 10.46311/2318-0579.56.eUJ2490. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2490>. Acesso em: 22 setembro 2025.

MENEZES, M. S.; FARO, A. Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e247126, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3703003247126>. Acesso em 01 nov. 2025.

NAKANO, T.C. Personalidade: estudo comparativo entre dois instrumentos de avaliação. **Estudos de Psicologia** Campinas, v. 31, n. 3, p. 347–357, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Tqfr9NQKKk4tvZbwXVJBkgd/?lang=pt>. Acesso em: 07 de outubro de 2025.

PEREIRA, M. O. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679432X2007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2025.

PORFIRIO, B. L.S; SILVA, L. M. F. Fatores biológicos e ambientais na constituição da psicopatia e um levantamento teórico para sua prevenção. **Revista Psicoatualidades**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 20–29, 2021. Disponível em: <http://periodicosfacesf.com.br/index.php/Psicoatualidades/article/view/266> Acesso em: 25 mar. 2025.

RODRIGUES, R. S.; NEUBERT, P. S. **Introdução à pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023.

ROSÁRIO, Â. B. D; NETO, F. K. Abordagem da violência no sistema classificatório DSM na perspectiva psicanalítica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 2, p. 401–414, maio 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/Y7cZVwGvyBvVDtqJmbkCmD/?lang=pt>. Acesso em: 15 de setembro de 2025.

ROXO, H. A. A. J; CAMARA, L. C. P. As relações entre trauma e a tendência antissocial:



um relato de experiência sob o enfoque winnicottiano. **Analytica**, São João del Rei, v. 13, n. 25, p. 1-19, 2024. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231651972024000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 22 set. 2025.

SALES, W T Q; SILVA, N. L. B. Maldade infantil. **Revista Cathedral**, v. 5, n. 4, p. 64-75, 2023. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/737/212>. Acesso em: 22 de setembro de 2025.

SANTOS, M. J. M. Do “psicopata-monstro” ao “psicopata comum”: os desmentidos nossos de cada dia | **aSEPHallus**;11(22): 86-93, maio-out. 2016. LILACS. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/biblio-836622>. Acesso em 01 nov. 2025.

SCHMIDT, F. M. D. *et al.* Associação entre traumas na infância e a representação de apego parental na vida adulta. **Rev. Bras. Psicoter.** (Online), p. 1–14, 2020. Disponível em https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1224564#main_container . Acesso em 01 nov. 2025.

SILVA JÚNIOR, M; BARBOSA, L; SOUZA, M. L. R. S. Teoria da história de vida: uma perspectiva evolucionista para a compreensão do desenvolvimento humano. **Psicologia USP**, v. 35, p. e230050, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/RMw7dpxFk5FVFb63BGQDw3M/?lang=pt>. Acesso em: 08 de outubro de 2025.

SILVANO, K. G; MARTINS, W. E. B. A psicopatia sob o olhar da psicanálise. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 25572–25588, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n5-395. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/64156> Acesso em: 25 mar. 2025.

TEIXEIRA, J. N. S; RESENDE, A. C; PERISSINOTTO, R. Vitimização e Psicopatia em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. **Aval. Psicol**, Itatiba, v. 19, n. 2, p. 123-131, jun. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712020000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 nov. 2025.

VASCONCELLOS, S. J. L. *et al.* A cognição social dos psicopatas: achados científicos recentes. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 34, n. 1, p. 151–159, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/8wgzjncSrWLvxNhcjww8rhx/?lang=pt>. Acesso em: 08 de outubro de 2025.

VIEIRA, A. C. D.; ZORNIG, S. M. A.-J. Ambiente violento, infância perdida?. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, n. 1, p. 88–101, mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n1p88.7>. Acesso em: 22 de outubro de 2025.



WAIKAMP, V; BARCELLOS, F. Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta. **Cienc. psicol. Montevideo**, v. 12, n. 1, p. 137-144, 2018. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S168842212018000100137&lng=es&nrm=iso Acesso em: 18 mar. 2025.

ZAVARONI, D. DE M. L.; VIANA, T. C. Trauma e Infância: Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 331–338, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZSxxb85nzh4spnyZbQsGY7D/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 de outubro de 2025.